

Negritude na universidade: entre transgressões e afetos

Maria Fernanda Chagas¹

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8351-1226>

Gabriela Pereira Vanzela²

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2394-5289>

Ryan Lopes de Freitas³

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2755-0212>

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro⁴

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X>

Resumo

O presente estudo relata as experiências de transgressão no ensino, obtidas através da criação do: 1) Projeto de Extensão da Liga de Relações Étnico-Raciais - *Sankofa* (LARER); e 2) Projeto de Pesquisa Núcleo de Ensino e Pesquisa em Relações Étnico-Raciais em Psicologia (NEGREPSI), em uma universidade federal em Minas Gerais. Essa pesquisa objetiva refletir como a implementação de uma prática educacional crítica pode promover a inclusão e a liberdade aos grupos subalternizados no ensino eurocêntrico, reprodutor de práticas racistas, sexistas e excludentes. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, realizada através da observação participante e revisão de literatura, sendo fundamentada no livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (1994) de bell hooks. Observou-se, neste espaço, a prevalência das relações colaborativas, marcadas pelo forte conteúdo afetivo, mostrando o amor pelo povo negro, em sua pluralidade, como um importante fundamento ético-político da Liga Sankofa e do NEGREPSI.

Palavras-chave: educação como ação política, relações sociais, estímulo à pesquisa.

Abstract

The present study reports the experiences of transgression in teaching, obtained through the creation of: 1) Extension Project of the League of Ethnic-Racial Relations - Sankofa (LARER); and 2) Research Project Center for Teaching and Research in Ethnic-Racial Relations in Psychology (NEGREPSI), at a federal university in Minas Gerais. This research aims to reflect on how the implementation of a critical educational practice can promote inclusion and freedom subordinated in Eurocentric education, which reproduces racist, sexist and exclusionary practices. Methodologically, this is a qualitative and exploratory research, carried out through participant observation and literature review, based on the book “Teaching to transgress: education as a practice of freedom” (1994) by bell hooks. In this space, the prevalence of collaborative relationships was observed, marked by strong affective content, showing the love for black people, in their plurality, as an important ethical-political foundation of the Sankofa League and NEGREPSI.

Keywords: education as political action, social relationships, encouragement for research.

Citação: CHAGAS, Maria Fernanda; VANZELA, Gabriela Pereira; FREITAS, Ryan Lopes de; CHAVEIRO, Maylla Monnik de Sousa. Negritude na universidade: entre transgressões e afetos. *Revista Estudos Aplicados em Educação*, v. 9, e20249590, 2024. DOI <https://doi.org/10.13037/reae.vol9.e20249590>

¹ Graduanda do curso de Psicologia. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Minas Gerais – Brasil. mafechagas@gmail.com.

² Graduanda do curso de Psicologia. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Minas Gerais – Brasil. gabivanzella10@gmail.com.

³ Graduando do curso de Psicologia. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Minas Gerais – Brasil. lopesryan1616@gmail.com.

⁴ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). maylla.chaveiro@gmail.com.



1 Introdução

A educação é um direito básico, garantido pelo artigo 205 da Constituição Federal de 1988, a qual consta como um dever do Estado e da família, “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988). Entretanto, a estrutura educacional vigente, ao se apegar à lógica capitalista, formando pessoas apenas para se tornarem trabalhadores, acabam por prevalecer o sistema da educação bancária, conceito elaborado e criticado por Paulo Freire. A educação bancária diz respeito à ideia de que os/as estudantes devem memorizar e armazenar as informações dadas pelos professores, de forma mecânica, sem questionar sobre aquilo que lhe está sendo oferecido, se tornando um instrumento de opressão, visto que é imposto um saber elitista que desvaloriza as vivências populares (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019).

A autora bell hooks, apoiada à obra de Freire e do monge Thich Nhat Hanh, além de em sua vivência pessoal, no livro “Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade” (1994), defende a implementação de uma pedagogia engajada que transgride a educação bancária. Segundo a autora, para promover uma educação que transgride é necessário que a sala de aula seja um ambiente seguro para compartilhar vivências entre estudantes e professores, desfazendo a figura do professor autoritário, como o único que possui a capacidade de repassar conhecimentos (hooks, 2017). Nesse sentido, ao promover um espaço de construção no qual os alunos e alunas possam se ver como participantes ativos, possibilita que o aprendizado adquira um caráter mais reflexivo, estimulando o pensamento crítico e a autonomia.

De acordo com bell hooks,

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores [...] e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (2017, p. 174).

Esse trecho reforça o argumento de que a implementação de uma metodologia ativa na sala de aula, que inove as práticas pedagógicas, proporciona o diálogo entre os diferentes grupos, devolvendo a narrativa principalmente aos grupos minoritários, visto que tal método estimula os/as estudantes a saírem de sua zona de conforto e o aproxima criticamente da realidade, provocando reflexões diante de problemas e busca por soluções (Sobral; Campos, 2012). Além disso, através do compartilhamento de vivências é possível haver identificação de um sujeito com o outro, por meio de histórias e trajetórias semelhantes, fortalecendo a criação de vínculos e afetos que impactam positivamente a trajetória acadêmica (Ioras; Cunha, 2022).

Nesse contexto, é importante romper com o silêncio das populações subalternizadas pelos discursos colonialistas, presente no ensino tradicional, arraigado de preconceitos e estigmas que buscam constantemente oprimir “o outro”, ou seja, aquele que não segue a norma padrão imposta pela sociedade eurocentrada, que favorece o perfil do homem branco hétero e cristão. Apesar da escola ser um espaço que tem fortalecido as relações sociais, muitas vezes também se torna um lugar que promove a violência e a exclusão, impedindo a interação entre os diferentes grupos sociais, visto que não estimulam debates que se aproximam das vivências populares, como o racismo, as relações de gênero, fatores socioeconômicos e entre outros (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019; Grandim, 2021).

Diante desse cenário, Grandim (2021) destaca a importância de possuir um olhar interseccional, considerando que:



A intersecção de categorias como raça, gênero, classe social, grupo etário, orientação sexual e outros fatores que compõem as identidades, são eixos que interagem entre si e ajudam na compreensão das injustiças que ocorrem de modo multidimensional na sociedade (Grandim, 2021, p. 10).

A interseccionalidade tem sido amplamente utilizada no contexto educacional para a compreensão aprofundada acerca da complexidade da realidade sócio-cultural. Esse conceito foi cunhado em 1989 por Kimberlé Crenshaw, uma importante jurista e intelectual afro-estadunidense que desenvolveu importantes elaborações epistemológicas acerca do entrecruzamento de distintos eixos de opressão que atravessam as pessoas. Portanto, a interseccionalidade é um conceito que marca o cruzamento das múltiplas desigualdades vivenciadas pelo sujeito, proporcionando um melhor entendimento sobre a sua identidade e o contexto social no qual ele está inserido, sendo de grande importância para a luta dos movimentos sociais e no estabelecimento de políticas públicas.

A pedagogia freireana, na busca de fortalecer a subjetividade e a inclusão, propõe a interculturalidade como uma ferramenta para a desconstrução da estrutura colonialista, naturalizada nas instituições de ensino, que prejudica a integração e o reconhecimento das diferentes culturas e grupos étnicos, visto que para Paulo Freire, a cultura é um espaço político e de poder, propício para desenvolver resistência, coletividade e lutar por dignidade, liberdade e igualdade social (Candau, 2020; Giroux; Figueiredo, 2021). Para a pensadora Catherine Walsh, “a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si. [...], é um projeto de existência, de vida” (Walsh, 2007, p. 8), sendo formada por pessoas historicamente subalternizadas e se assumindo como um projeto político que também busca transformar e criar novas condições de poder ser diferente.

De acordo com Almeida (2019), os meios de comunicação, a indústria cultural e o sistema educacional reforçam o racismo, visto que reproduzem estereótipos presentes no imaginário social através de representações de personagens negros caricatos.

Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações (Almeida, 2019, p. 65).

A autora Bárbara Carine Soares Pinheiro, pesquisadora e idealizadora da escola Maria Felipa, primeira escola afro-brasileira do Brasil, afirma o seguinte: “[...] professores e professoras são esses ‘doadores de memórias’ com o papel de transmitir socialmente às novas gerações um legado cultural sistemático que tanto nos impulsiona no sentido do desenvolvimento humano [...]” (Pinheiro, 2023, p. 24). Nesse sentido, a Lei n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, apesar de ainda enfrentar obstáculos em sua implementação, buscou inserir na grade curricular das escolas a história e cultura afro-brasileira, visando a educação das relações étnico/raciais e o reconhecimento e valorização da cultura africana, a partir de uma proposta de interculturalidade que transpasse o sistema educacional meritocrático (Oliveira; Candau, 2010). Assim, a interculturalidade compreende e valoriza os saberes e culturas dos diversos povos, buscando que tais grupos possam superar a exclusão, de modo que as suas diferenças sejam respeitadas pelos demais povos através do acesso a esses conhecimentos, garantindo a igualdade (Silva, 2021).

Dessa forma, ao assumir uma postura interseccional e intercultural, tende-se a possibilitar o corpo discente novas perspectivas e oportunidade de entrar em contato com



diferentes grupos socioculturais, bem como discutir e articular estratégias e políticas de ações afirmativas em diferentes aspectos (Candau, 2020). Através de tais estratégias, busca-se construir uma educação que transgrida e reconheça o/a estudante como participante ativo, que seja capaz de pensar de forma crítica e autônoma, prevalecendo o respeito pelas diferenças sociais e culturais, de modo a alcançar, assim, a educação como prática da liberdade.

Desse modo, o objetivo deste artigo foi refletir como a implementação de uma prática educacional crítica pode promover a inclusão e a liberdade aos grupos minoritários, majoritariamente excluídos no ensino eurocêntrico, reprodutor de práticas racistas, sexistas e de caráter excludente. Esse trabalho é de abordagem qualitativa e caráter exploratório, sendo os procedimentos metodológicos a revisão de literatura e a observação participante. A observação participante é uma técnica de coleta de dados, comumente utilizada em pesquisas qualitativas, sendo caracterizada pela participação do pesquisador no campo de estudo, de modo a permitir que o pesquisador possua contato direto com o fenômeno observado, obtendo uma melhor interpretação destes (França *et al.*, 2022).

Assim, o presente estudo relata as experiências de transgressão no ensino em uma universidade pública do estado de Minas Gerais. Em primeiro lugar, iremos discutir sobre o conceito de interseccionalidade e interculturalidade no contexto de uma educação antirracista. Posteriormente, será exposto o Projeto de Extensão da Liga de Relações Étnico-Raciais - *Sankofa* (LARER), uma liga acadêmica que promove espaço de aquilombamento para os/as/estudantes negros, organizando aulas, simpósios, palestras, oficinas artísticas, pesquisas e extensões afrocentradas. Na sequência, será abordado o Projeto de Pesquisa Núcleo de Ensino e Pesquisa em Relações Étnico-Raciais e Psicologia (NEGREPSI), voltado ao estudo de autores negros e à produção científica contracolonial. Por fim, as considerações finais apresentarão as reflexões e críticas dos autores, bem como a importância desse trabalho para a construção de um ensino decolonial e antirracista, a fim de construir estratégias para transgredir às violências coloniais as quais as pessoas negras são expostas diariamente nas universidades.

2 Liga Sankofa

A Liga Acadêmica de Relações Étnico-Raciais *Sankofa* é um projeto de extensão criado no ano de 2023 e configura-se enquanto um espaço de resistência, afetos e fortalecimento de pessoas negras na universidade. A proposta de liga tem como objetivo a construção de uma comunidade pedagógica, composta em sua maioria, por estudantes negras de cursos da saúde e ciências humanas de uma Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. Embasada na ancestralidade e transgressão do ensino, a iniciativa contribui para o desenvolvimento de projetos que desafiam as concepções hegemônicas de ensino dentro do espaço universitário, por meio de aulas expositivas, palestras, oficinas artísticas e ações de extensão com a comunidade externa. Entende-se como liga acadêmica, uma entidade sem fins lucrativos, orientada por docentes do ensino superior acompanhados de estudantes no objetivo de aprofundar os estudos em uma temática específica (Azevedo; Dini, 2006).

Para a discussão que nos interessa, é possível observar que, nos cursos de graduação das universidades, há uma tradição teórica embasada na produção de homens brancos e europeus, o que não contribui para o fortalecimento do conhecimento científico produzido por pessoas negras, sobretudo, mulheres. Tal ideia é baseada no epistemicídio (Carneiro, 2005), conceito que define o processo da colonização do conhecimento de pessoas pretas, vinculado à implementação de uma racionalidade europeia única e dicotômica. Sem considerar o epistemicídio, não é possível entender os processos que acompanham a exclusão de pessoas



pretas dos espaços educacionais, e quando conseguem adentrá-los, é preciso refletir como sua educação e formação profissional é construída.

Desse modo, ao analisar o caráter tradicional da universidade em busca do conhecimento e partilha da informação, é possível reconhecer as parciaisidades que sustentam a supremacia hegemônica branca (hooks, 2017). Baseado nisso, a Liga *Sankofa* procura combater as mazelas do colonialismo que restringem as pessoas negras a se reconhecerem enquanto cientistas, colocando em foco as práticas e conhecimentos desenvolvidos pelas ligantes. Em outras palavras, é possível decretar que o papel do ensino do projeto em foco é equivalente ao ensino transgressor descrito por bell hooks (2017), uma vez que através da linguagem e comunicação horizontal, desenvolve reflexões críticas do feminismo negro acerca do sistema tradicional de ensino que reproduz a opressão às minorias. Em uma perspectiva étnico-racial, tal prática destaca que o conhecimento de pessoas pretas tem muito a contribuir para a educação, assim como aponta a pedagoga e primeira mulher negra do Brasil a comandar uma universidade pública Nilma Lino Gomes:

A presença de corpos negros em lugares do conhecimento, de forma horizontal e não hierarquizada como comumente é visto no Brasil em razão das desigualdades raciais, muda radicalmente o ambiente escolar e universitário. Não somente pela participação quantitativa, pela corporeidade, pelos diferentes níveis socioeconômicos, mas principalmente graças aos saberes, aos valores, às cosmovisões, às representações, às identidades que passam a fazer parte do campo do conhecimento (Gomes, 2018, p. 240-241).

Diante da missão da desconstrução de conceitos predefinidos de ensino, foram priorizados estudos acerca das obras de intelectuais como Conceição Evaristo, Oyèrónké Oyěwùmí, Lélia Gonzalez, bell hooks, Frantz Fanon, e Sueli Carneiro. Tal atitude pedagógica se dá pelo objetivo de fortalecer a epistemologia dos membros da liga, os quais ao decorrer do ciclo anual do projeto, puderam desenvolver projetos e trabalhos em congressos nacionais de pesquisa. A ideia fomentada é a de que a liga se configura como um quilombo acadêmico, onde a escrita é desenvolvida como meio de preservar a episteme afrodiaspórica. Nessa lógica, a escrita é significada para além das palavras e teorias, como aponta a escritora e referência da teoria feminista Gloria Anzaldúa:

Por isso, apostamos na escrita como uma política da narratividade. Escrever como gesto de tornar público o que tentaram nos fazer acreditar ser algo privado e de responsabilidade individual. Escrever como gesto de inventar a si mesma de modos outros. Escrever para fugir da complacência colonial. Escrever como gesto de empretecer a folha em branco. Escrever como gesto, porque não é ação mecânica apenas da ponta dos dedos em movimentos de pinçar o lápis e de teclar no computador. Escrevemos e inscrevemos em nosso interior, “nas vísceras e nos tecidos vivos— chamamos isto de escrita orgânica (Anzaldúa, 2000, p. 234).

A partir do reconhecimento da predominância de mulheres no corpo discente da Liga *Sankofa* e da importância do debate das relações de gêneros dentro das perspectivas étnico-raciais, foi realizada a exibição e debate do filme “A Mulher Rei” (2022). O filme retrata a figura da mulher pré-colonial como protagonista do exército de Daomé, um dos reinos africanos mais poderosos dos séculos XVII a XIX. A ação teve como resultado o debate acerca da potência da mulher enquanto figura de liderança, quando desvinculada ao ideativo colonial, machista e racista. Nesse sentido, bell hooks (2017) ressalta como é importante o reconhecimento das mulheres pretas enquanto regedoras de suas próprias teorias nos espaços internos e externos do mundo acadêmico, para que assim, os obstáculos impostos pelo



epistemicídio sejam superados. A Liga *Sankofa* não somente alimenta o protagonismo das mulheres em suas atividades, mas também fomenta práticas e discussões críticas sobre novas possibilidades de sua existência no contexto acadêmico e profissional.

Em relação à ancestralidade, foi considerada concepção de Nillma Limo Gomes acerca da relevância da arte para a expressão da corporeidade de pessoas pretas, a qual simboliza uma construção da identidade preta em que “[...] os corpos negros se distinguem e se afirmam no espaço público sem cair na exotização ou na folclorização” (Gomes, 2011, p. 52). Dado sua importância, a Liga *Sankofa* realizou ações de extensão sobre religiões de matriz africana com ambas comunidades internas e externas da universidade. Nessa linha do projeto foram organizadas oficinas artísticas de colagem, onde foi proposto que um dos orixás fosse a inspiração para a colagem de cada participante. Outra atividade elaborada pela equipe da liga foi focada na musicalidade, utilizando-se de instrumentos de percussão para tocar ritmos da congada- expressão cultural que envolve o canto, dança, teatro e espiritualidades advindas de matriz africana.

Diante dos dados apresentados, pode-se concluir que a Liga *Sankofa* tem propiciado a insurgência do coletivo negro dentro da universidade em que o projeto ocorre, uma vez que vem realizando atividades na trilogia da metodologia das intuições de ensinos federais: ensino, pesquisa e extensão. Para além disso, é possível afirmar que o quilombo acadêmico tem efeito direto na saúde mental dos participantes, devido aos constantes encontros presenciais que além do desenvolvimento acadêmico, promovem o estreitamento das relações afetivas de todos os membros. Por fim, a liga prossegue com seus projetos e ações de extensão em prol das discussões acerca das relações étnico-raciais, todas envoltas pela comunidade interna e externa da universidade.

3 NEGREPSI

O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Relações Étnico-Raciais e Psicologia (NEGREPSI) iniciou suas atividades em julho de 2023, visando a construção de um espaço propício para a produção de conhecimento contracolonial em Psicologia. Trata-se, assim como a Liga *Sankofa*, de um espaço de fortalecimento de pessoas negras e indígenas incentivando ações pedagógicas contra-hegemônicas e fomentando um espaço acolhedor e seguro para a realização da pesquisa entre as pessoas negras. Este projeto tem como objetivo desenvolver e fomentar o campo de pesquisa em psicologia e relações étnico-raciais. Trata-se de pesquisas de cunho teórico-conceitual e de revisão bibliográfica acerca dos principais conceitos e epistemologias no campo das relações étnico-raciais e psicologia. Assim, busca-se elaborar epistemologias antirracistas e interseccionais na psicologia a partir de dois eixos: 1) o estudo das identidades étnico-raciais e subjetividade, em função dos efeitos do racismo e do processo colonizador; e 2) o estudo das potencialidades dos modos pluriversais de existência.

No primeiro eixo, destaca-se a conceituação e identificação da presença do racismo em contextos acadêmicos-escolares e na Psicologia, uma vez que o racismo possui dimensão estrutural e se apresenta amplamente presente na sociedade, conforme define Silvio Almeida:

O racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais (Almeida, 2019, p. 63).

Neste sentido, compreende-se que o racismo estrutural alicerça, também, o campo de construção do conhecimento no âmbito científico. Santos (2024) aponta que o silêncio escolar-



acadêmico em temáticas étnico-raciais corrobora para a construção de subjetividades cerceadas pela baixa autoestima, auto rejeição, depressão e negação de raízes afrodescendentes, culminando no apagamento identitário de estudantes negros e negras. Este silêncio é histórico e social, e pode ser entendido como mais uma ferramenta colonizadora, a qual negligencia a necessidade da identificação do racismo e sua crítica entre estudantes negros/as. Com efeito, é dificultado o processo de construção de identidades negras e o ato de amar a negritude, implicando na manutenção do sofrimento de pessoas negras (Santos, 2024).

Por outro lado, o segundo eixo volta-se ao estudo do fortalecimento destas identidades, bem como estuda os diferentes modos de viver e existir nas sociedades africanas e indígenas. Assim, pretende-se que se recupere e potencialize a negritude, promovendo a autoestima e fortalecimento de raízes afrodescendentes através do aquilombamento acadêmico. A pensadora bell hooks (2019) ressalta a importância de amar a negritude como um processo de resistência contra o racismo e à supremacia branca colonizadora, como bem explicitado no seguinte trecho: “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2019, p. 63).

Abdias do Nascimento, teórico de base pan-africanista, é um autor importante para refletirmos acerca dos processos de aproximação da coletividade entre pessoas negras, através de seu conceito sobre o “Quilombismo”. Ele critica a construção de uma história e uma ciência pautada por vieses europeus e norte-americanos, constituindo ideologias vigentes que os colocam como detentores do “conhecimento” e da “inteligência” universal. A produção desta ciência eurocentrada contribuiu na desumanização dos africanos e seus descendentes, forçando-os a servir aos interesses eugenistas, e separando-os a fim de acabar com o coletivismo africano que permitia a resistência negra. No entanto, os africanos escravizados persistiram, contribuindo para que hoje seja possível herdarmos a resistência negra contra as formas de dominação coloniais ainda existentes. O encontro do coletivo entre as pessoas negros/as que resistem e se fortalecem é o conceito proposto por Abdias do Nascimento acerca do quilombismo.

Por conseguinte, Abdias do Nascimento (1980) cunha o conceito de Quilombismo Acadêmico, que se trata de um processo importante para o fortalecimento de grupos de estudantes e pesquisadores negros/as. O quilombismo, neste sentido, é como uma “reunião fraterna e livre, solidariedade e convivência, comunhão existencial” (Nascimento, 1980 p.263). Assim, é possível identificar no NEGREPSI uma espécie de quilombo, que contribui para o senso de coletividade, identificação e fortalecimento no estudo e no fazer da pesquisa entre pesquisadores negros/as. Semelhantemente, hooks (2019) aponta a importância do processo de identificação entre pessoas negras, pois a mudança coletiva da maneira que olhamos a nós mesmos, permite mudarmos a forma como vemos o mundo e de como o mundo nos vê, subvertendo assim o poder de uma imagem colonizadora.

Sendo assim, o grupo de pesquisa NEGREPSI justifica-se pelos seguintes fatores: o racismo afeta a construção de saberes no campo da psicologia, uma vez que as discussões sobre relações étnico-raciais são muito escassas na formação do/a psicólogo/a. Esta escassez denuncia a necessidade de articulação de saberes e práticas em psicologia antirracista assegurando o enfrentamento ao extermínio do povo negro. Além disso, expõe, também, a necessidade de se produzir epistemologias, metodologias e intervenções acerca das subjetividades negras no campo das ciências humanas e da psicologia, a partir de teorias afrocentradas.

As ações do Grupo NEGREPSI compreendem aulas expositivas e colaborativas, leituras de livros - bem como o compartilhamento das respectivas reflexões suscitadas pelos estudos -, e a realização de resumos, trabalhos escritos e pesquisas a serem apresentados nos diversos



congressos e eventos disponíveis para o grupo. Dentre as primeiras ações, observou-se a necessidade de estudar a identidade negra, e os impactos que o racismo estrutural e o próprio ambiente acadêmico trouxeram na deturpação deste reconhecimento identitário.

Logo, foi proposto a leitura e discussão do livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952), escrito pelo teórico Frantz Fanon, compreendendo cerca de três encontros para discussões e reflexões. Primeiramente foi necessário conhecer a biografia e o contexto histórico no qual Fanon esteve inserido durante a escrita do livro, bem como as questões pessoais que possam ter atravessado sua escrita. Os demais encontros suscitaram debates importantes a respeito da linguagem e experiências existenciais entre pessoas negras. Em especial, refletiu-se a constituição da língua com influências africanas, suas diferenciações de pronúncias entre africanos e seus descendentes, e todo racismo linguístico que poderia permear estas relações.

Além disso, refletimos acerca dos impactos da colonização no processo identitário negro, uma vez que, para Fanon (2008), a identidade do negro se constrói a partir da dialética e das experiências vividas socialmente que são, em suma, racistas. Desta maneira, o existir da pessoa negra, quando não há consciência racial, é atravessada pelo desejo inerente em embranquecer-se, uma vez que o estilo de vida da pessoa negra não existiria de maneira positiva, e negando a si mesmo uma identidade e suas origens afrodescendentes, que são marginalizadas pelo colonialismo.

Em outro momento, foi proposta a leitura e debate de um texto sobre a Psicologia Africana no contexto clínico e então foi possível tecer reflexões acerca das potencialidades do povo negro que podem ser desenvolvidas na clínica psicoterápica (Chaveiro, 2023; 2024). Desenvolver estas potencialidades só é possível a partir do estudo teórico de autores negros que contribuem no entendimento dos processos de subjetivação entre pessoas negras/os: desde a maneira como suas subjetividades são afetadas pelo racismo, como desenvolver mecanismos de enfrentamento a essas violências, até o fortalecimento de características positivas e próprias do povo negro que contribuem para o empoderamento desta identidade. Com isso, esta discussão foi de grande importância para o estudo de uma psicologia afrocentrada, já que desbrava epistemologias de povos Yorubás, Bantos e Jejes, as quais, frequentemente, não fazem parte dos currículos de graduação em psicologia.

Identificamos, nas situações descritas acima, exemplos de transgressão no ambiente acadêmico, uma vez que foi propiciado um espaço de escuta e discussão de diferentes epistemologias que valorizam o conhecimento e os processos de subjetivação negros. Além disso, essa transgressão foi importante na medida em que buscou-se estudar teorias que apresentavam um conteúdo contracolonial, já que entendemos que as teorias e epistemologias tradicionais em Psicologia contêm, em sua maioria, uma lógica eurocentrada e colonialista. Estes estudos foram importantes para subsidiar a pesquisa realizada no grupo, como uma extensão de atividades transgressoras do ambiente acadêmico eurocentrado, através da inserção de novas perspectivas de produção científica.

Assim, o fazer da pesquisa produzida no NEGREPSI demarca uma produção científica que perpassa a vivência e as experiências subjetivas de cada integrante, desafiando o discurso literário embranquecido pautado na ideia de ciência cartesiana de separação da razão e da emoção. Silva & Cardoso (2019) apontam as contribuições da escrita de Conceição Evaristo ao destacarem que a narrativa negra durante o período colonial foi escravizada e utilizada por brancos, em forma de canções, para que seus filhos fossem ninados. Semelhantemente, hoje em dia esta narrativa é marginalizada e utilizada quando se torna conveniente para a branquitude.

Por outro lado, Audre Lorde (2019) destaca, também, a poesia como uma arte que frequentemente é tida pela branquitude elitizada como “menos rigorosa” ou “menos séria”, sendo válida apenas os textos escritos em prosa. Ela denuncia, aqui, a questão de classe presente



na produção literária, já que a poesia se trataria de um tipo de arte mais econômica e rápida, porém não menos importante e valorativa do que a prosa. Assim, até mesmo a criatividade e as formas expressivas entre pessoas negras e pobres é invalidada pelo sistema colonial. Desta forma, historicamente, a produção de pessoas negras foi colocada como destituída de corpo e subjetividade, diminuindo-a à mera função servil.

Neste sentido, Conceição Evaristo (2005, apud Silva; Cardoso, 2019), instiga a escrita marcada pela vivência do corpo negro e de suas emoções, uma vez que a presença destas experiências enquanto pessoa negra empodera este corpo às denúncias sociais, resultando com que a produção escrita incomode a “casa-grande”. Assim, rompe-se com os estereótipos que são reproduzidos a partir de uma escrita isenta da experiência da condição de pessoa negra, sendo uma maneira de confrontar o escrever tradicional colonial destituído de subjetividade. Logo, compreende-se que a produção científica proposta pelo NEGREPSI convida ao ato de transgredir o fazer da pesquisa tradicional, assim como Conceição Evaristo nos descreve:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco [...]. Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança (Evaristo, 2005, p. 219).

Por fim, foi possível obter como resultados do grupo os constantes trabalhos apresentados em eventos que compreendem análises de músicas e mídias sociais, pesquisas de cunho teórico-conceituais, permeando temas como infâncias negras, branquitude, práticas pedagógicas antirracistas e entre outras temáticas possíveis no campo das Relações Étnico-Raciais. Além do mais, os estudos nos encontros do Grupo NEGREPSI têm atravessado leituras de teóricos negros como bell hooks, Frantz Fanon, Audre Lorde, Oyèrónké Oyèwùmí, Nilma Lino Gomes, Abdias do Nascimento e Conceição Evaristo. Portanto, compreende-se que o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Relações Étnico-Raciais e Psicologia (NEGREPSI) têm alcançado seus objetivos através da pesquisa ativa e do estudo sistematizado, contribuindo para experiências de transgressão na universidade, e produzindo conhecimentos contra-coloniais e interseccionais, bem como contribui para a construção de saberes para práticas antirracistas nas diversas áreas da Psicologia.

4 Considerações Finais

Neste artigo, foram abordadas discussões sobre a potência transgressora e transformadora da Liga Sankofa e do Negrepsi, bem como o impacto das ações destes dois grupos na formação de estudantes negros no percurso acadêmico. Tais projetos são alicerçados no combate ao racismo e ao epistemicídio, a fim de resistir às violências coloniais nas universidades brasileiras. Para tal, posturas insurgentes são discutidas e elaboradas visando fortalecer epistemologias afrocentradas e interseccionais na educação. Prevaecem, nestes grupos, as relações colaborativas e marcadas por um forte conteúdo afetivo. O amor pelo povo negro em sua pluralidade é um importante fundamento ético-político da Liga Sankofa e do NEGREPSI.

Diante das práticas de resistência demonstradas neste artigo, identificamos um potencial de extremo significado a ser fortalecido via articulações pedagógicas nas universidades, pois assim como pontua bell hooks, entendemos que o ato de educar como ação política, possui raízes na luta antirracista (hooks, 2017, p. 10). Com as ligas acadêmicas, por exemplo,



destacam-se as ações coletivas de extensão e a democratização do conhecimento antirracista e afrocentrado à comunidade. Já o grupo de pesquisa, cumpre o papel de descolonizar a psicologia e criar novas epistemes de maneira coletiva com estudantes negras/os.

Chamamos a atenção neste artigo para alguns aspectos importantes acerca da interculturalidade e interseccionalidade em grupos de pesquisa e extensão formados por pessoas negras em uma universidade pública de Minas Gerais. Compreendemos que as múltiplas opressões que se interseccionam produzem experiências de dor e de resistência muito singulares, impulsionando ações insubordinadas no cenário acadêmico. Desse modo, o NEGREPSI e a Liga Sankofa funcionam também como espaços de acolhimento de estudantes negras/os e como ferramentas para compreensão de traumas coloniais. Segundo Grada Kilomba “(...) um trauma colonial que foi memorizado no sentido em que não foi esquecido” (KILOMBA, 2019b, p. 213).

As práticas docentes da coordenadora do NEGREPSI e da Liga Sankofa são alicerçadas em uma abordagem transformadora, ensinando estudantes a transgredirem normas que perpetuam o racismo, machismo, lgbtfobia, capacitismo, adultocentrismo, etarismo, elitismo. Tais práticas promovem um espaço democrático, horizontal e criativo. A autonomia é tida como um importante recurso pedagógico e de descolonização subjetiva. São valorizadas as histórias pessoais de cada pessoa negra componente dos grupos, pois as epistemologias são produzidas também a partir de nossas próprias subjetividades. Nesse sentido, os grupos de extensão e pesquisa também podem atuar no suporte para que estudantes universitárias/os acessem a pós-graduação além de fortalecer suas carreiras profissionais após a conclusão do curso.

Rompendo com o elitismo ainda presente nas universidades, estes projetos produzem discursos que visibilizam os saberes produzidos nos terreiros de candomblé e umbanda, nas congadas mineiras, nas periferias, nos quilombos. Em outros termos, A Liga Sankofa e o NEGREPSI são pontes que unem a comunidade à universidade, resistindo ao histórico de racismo possibilitados pela produção científica e pelo sistema jurídico e econômico (Almeida, 2019). Nossas atividades permeadas de afeto protegem estudantes negros da violência colonial, por meio de informações sobre seus direitos, além de elaborar críticas à branquitude no ambiente acadêmico. Por fim, nossos coletivos também buscam criar estratégias para sobreviver à colonialidade e ao racismo institucional nas universidades.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANZALDUA, Gloria Evangelina. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

AZEVEDO, R. P., & DINI, P. S. (2006). **Guia para construção de Ligas Acadêmicas**. Ribeirão Preto: Assessoria Científica da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina. Disponível: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=0CGgQFjAE&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg>. Acesso em: mar. 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 2016.



CANDAU, Vera Maria Ferrão. Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**, Belém, n. 8, p. 28-44, 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. Psicologia Africana e clínica afrocentrada: estratégias e ferramentas metodológicas. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1590>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. **Psicologia clínica africana: teoria e prática**. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 218-229.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**; Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANÇA *et al.* A observação participante: um panorama histórico-conceitual do uso da técnica. UFAM: **Revista Ensino de Ciências e Humanidades**, v. 6 n. 2, p. 106-117, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. Contemporânea: **Revista de Sociologia da UFSCar**, n. 2, p. 37-60, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

IORAS, Anna Carolina; CUNHA, Thiago Colmenero. Afeto na educação: transgredindo o lugar de professor/a. Ponta Grossa, PR: **Olhar de professor**, v. 25, p.1-18, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020. LAFERRIÈRE, Dany. País sem chapéu. São Paulo: Editora, 2011.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez; RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira; CARVALHO, Paulo Felipe Lopes de. A educação como prática da liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola. Dossiê - Paulo Freire: o legado global. Belo Horizonte, MG: **Educação em Revista**. v. 35, e214079, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e sexo: As mulheres negras redefinem a diferença. In: **Irmã Outsider**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019, p. 142-156.



OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 160 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010.

SANTOS, Marlon Jeferson da Silva. Práticas pedagógicas antirracistas: caminhos possíveis. **ETS EDUCARE - Revista de Educação e Ensino**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1–12, 2024.

SILVA, Renan Mota. **Comunidade Quilombola da Ilha da Marambaia/RJ**: Educação, Ancestralidade e Decolonialidade. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 160. 2021

SILVA, Elen Karla Souza; CARDOSO, Sebastião Marques. Conceição Evaristo: da mulher negra à escritora. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 59, p. 77-101, 2019. DOI: 10.9771/aa.v0i59.22702.

SOBRAL, Fernanda Ribeiro; CAMPO, Claudinei José Gomes. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. Indaiatuba, SP: **Rev Esc Enferm USP**, v. 46, n. 1, p. 208-218, 2012.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramon. (ed.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 115-142.

